



Luís Macedo / Câmara dos Deputados

O ano das incertezas

Com cenário político mergulhado na indefinição, analistas evitam fazer previsões sobre a economia brasileira nos próximos meses. **POR JADER MORAES**

Após expectativas frustradas nos primeiros cinco meses do ano e em meio a uma grande indefinição sobre as eleições que se realizarão em outubro, as incertezas políticas e econômicas deixam especialistas resabiados em fazer prognósticos de como ficará o Brasil nos próximos meses. A receita que une um governo com baixa aprovação popular, segundo institutos de pesquisa, e as manifestações sociais recentes, como a paralisação dos caminhoneiros, tem impacto importante sobre a recuperação econômica que vinha se desenhando, avaliaram especialistas reunidos no Seminário de Análise Conjuntural do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas, em junho, no Rio de Janeiro.

O economista Samuel Pessoa, chefe do Centro de Crescimento Econômico do instituto, lembrou que há uma mudança significativa no cenário econômico, não só no Brasil, mas também mundial. Ele destacou que os indicadores de longo prazo da inflação brasileira são bons, ainda que no curto prazo existam choques fortes, como a variação do câmbio, os combustíveis e o movimento dos caminhoneiros.

Para Pessoa, existe um desespero infundado por parte de agentes do

mercado, que têm sugerido que o Banco Central volte a aumentar os juros para agir sobre o câmbio, pois estes enxergam a política monetária de hoje com a cabeça na realidade dos anos 1990. O economista comparou a situação brasileira à da vizinha Argentina e avaliou que o principal problema do país não tem relação com o câmbio e a dívida externa. “Nossos problemas são outros, somos inclusive credores em moeda estrangeira. A questão é fiscal, temos um desequilíbrio interno, não externo”, disse.

Para o economista José Júlio Senna, ao cenário de fragilidades domésticas soma-se um cenário internacional que, após um período recente favorável, apresenta nesse momento várias ameaças, em especial a alta dos juros nos Estados Unidos. “Não é certo que o cenário externo vai seguir piorando,

mas os movimentos iniciais já produziram efeito sobre o Brasil”, afirmou.

Contudo, são também os fatores internos que mais preocupam Senna. A paralisação realizada por caminhoneiros em todo o país, em maio deste ano, apresentou uma série de consequências que ele enumera: a fraqueza do governo ficou exposta; foram rompidas as “regras do jogo”, especialmente em relação ao preço do diesel; houve impacto sobre o prêmio de risco do país; inviabilizou-se no curto prazo, pelo ambiente político, ações como a venda de refinarias; e foi aberto um precedente ruim, com a possibilidade de se estenderem os incentivos para outros setores.

“Existe um nítido aumento das incertezas, em pleno início da campanha eleitoral. A baixa popularidade do governo contamina a agenda de reformas que estava em curso e isso tem um custo alto para o país. A grande verdade é que não sabemos como se comportarão as expectativas daqui para a frente”, avaliou o economista, que acredita que o cenário atual representa um choque de oferta, que terá um efeito maior sobre a atividade econômica do que sobre a inflação. “Mas é difícil captar todos os impactos”, completou.

Coordenadora técnica do Boletim Macro publicado pelo Ibre, a doutora em economia Silvia Matos também avalia que o “choque dos caminhoneiros” provocará efeitos significativos nas perspectivas econômicas do país. Ela lembrou que a recuperação econômica no primeiro trimestre deste ano foi mais lenta do que o esperado, mas que abril renovou o otimismo do mercado com números acima do previsto. O mês de maio, no entanto, frustrou todas as projeções e reverteu os ganhos de abril.

Silvia destacou que a posição do balanço de pagamentos brasileiro continua confortável e a inflação permanece controlada. O principal problema do país, de acordo com sua análise, segue sendo o fiscal, com as despesas ainda muito elevadas em relação às receitas do governo central, e nesse cenário quem tem mais sofrido são os investimentos. “A recuperação é muito lenta e fazer projeção para 2019 está ainda mais difícil do que para este ano”, comentou.

ELEIÇÕES À VISTA

As indefinições sobre o pleito eleitoral também têm influência significativa no cenário econômico, apontaram os debatedores. Para Samuel Pessôa, a alta acelerada do dólar nos últimos meses tem nas eleições um importante componente. Ele tem defendido que existem duas leituras possíveis para o que acontecerá em outubro: uma mais ortodoxa, que acredita que a força dos grandes partidos, com maiores recursos, capila-

Existe um nítido aumento das incertezas, em pleno início da campanha eleitoral (...) A grande verdade é que não sabemos como se comportarão as expectativas daqui para a frente.

José Júlio Senna, economista

ridade e tempo de TV, será preponderante e então a disputa se concentrará novamente nos polos que têm dominado a política nacional nas últimas décadas; e uma leitura alternativa, que acredita na força das redes sociais e do sentimento antipolítico para desequilibrar a disputa, dando força a candidaturas de partidos menos expressivos e opções mais radicais.

“Caso se realize o cenário mais ortodoxo, uma parte desse movimento recente do câmbio vai ser revertida e teremos um 2019 bem mais benigno do que os números que temos visto em 2018 até aqui”, apostou.

Se as incertezas eleitorais afetam a economia, por outro lado elas são sinais de uma democracia em funcionamento. Esta foi a opinião do cientista político Carlos Pereira, que, em uma análise destacada dos demais presentes, enumerou fatores positivos dessa indefinição que, de acordo com ele, é a maior desde 1989, com cerca de 70% dos eleitores indecisos ou declarando voto nulo. “A incerteza é um fator positivo no cenário democrático. Quanto menos certeza tivermos do resultado antes do fim do jogo, é sinal de que a democracia está mais consolidada”, analisou.

Pereira não acredita que o elevado nível de incerteza deve-se a um problema de ordem institucional ou de falência do sistema de representação, como muitos analistas defendem. Ele lembrou que os níveis de desconfiança no Brasil com relação ao sistema político é próximo do observado em todo o mundo e afirmou que, embora a Lava Jato represente um fator de desestruturação, ela não levou a mudanças estruturais nas instituições.

Por isso, o cientista político acredita que, mais do que insatisfações, as causas principais da indefinição do cenário são choques exógenos que tornam essa eleição muito particular. Ele elencou alguns desses choques: pela primeira vez o presidente em exercício não é competitivo e não possui candidato competitivo; há um enfraquecimento da polarização entre os dois últimos partidos que ocuparam a presidência do país, que era hegemônica na política brasileira desde a década de 1990; a proibição de doação eleitoral por empresas será testada pela primeira vez em eleições nacionais; além de fatores como a direita se apresentar como eleitoralmente viável e o candidato líder das pesquisas estar impedido de concorrer, o que leva a um risco de abstenção e nulos e brancos muito alto. “São choques que provocariam incerteza em qualquer democracia do mundo”, concluiu.
